

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**UMA LEITURA SEMIÓTICA DA ESCRITA DE SINAIS.
A SEMIOTIC READING OF WRITING SIGNS.**

João Batista Alves de Oliveira Filho¹
Universidade Federal do Cariri- UFCA
Edneia de Oliveira Alves²
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo. A língua de sinais surge da visualidade do povo surdo. Essa língua tem como a base a experiência visual que desenvolve e cria um lugar para o sujeito na cultura surda, dentro da comunidade surda reunida pela aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais). É uma língua que, embora muitos ainda acreditem ou defendam que seja ágrafa, possui modalidade sinalizada e escrita. A necessidade da escrita de sinais na comunidade surda é um elemento do desenvolvimento humano importante e demonstra uma evolução da Língua e da cultura linguística desse povo. Segundo Nobre (2011), o Brasil passou por uma significativa evolução no que tange à concepção sobre o sujeito surdo e sua língua. Como dispositivo legal, que garante a veracidade dessa afirmação, há a Lei de Libras nº 10.436/02 (BRASIL, 2002) regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005). Esta declara a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial das comunidades surdas do Brasil.

Palavras chave: Semiótica; Língua Brasileira de Sinais. Comunidade surda.

Abstract. Sign language arises from the visibility of the deaf people. This language is based on the visual experience that develops and creates a place for the subject in deaf culture, within the deaf community gathered by the acquisition of Libras (Brazilian Sign Language). It is a language that, although many still believe or advocate that it is a bottle, has a signed and written mode. The need for sign writing in the deaf community is an important element of human development and demonstrates an evolution of the language and language culture of these people. According to Noble (2011), Brazil has undergone a significant evolution regarding the conception of the deaf subject and his language. As a legal provision, which guarantees the truth of this statement, there is the Libras Law No. 10,436 / 02 (BRAZIL, 2002) regulated by Decree No. 5,626 / 05 (BRAZIL, 2005). It declares the Brazilian Sign Language (Libras) as the official language of the deaf communities in Brazil.

Key words. Semiotics; Brazilian Sign Language. Deaf community.

1. Introdução

A língua de sinais surge da visualidade do povo surdo. Essa língua tem como a base a experiência visual que desenvolve e cria um lugar para o sujeito na cultura surda, dentro da comunidade surda reunida pela aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais). É uma língua que, embora muitos ainda acreditem ou defendam que seja ágrafa, possui modalidade sinalizada e escrita. A necessidade da escrita de sinais na comunidade surda é um elemento do desenvolvimento humano importante e demonstra uma evolução da Língua e da cultura linguística desse povo. Segundo Nobre (2011), o Brasil passou por uma significativa evolução no que tange à concepção sobre o sujeito

¹ Universidade Federal do Cariri - UFCA

² Universidade Federal da Paraíba - UFPB

surdo e sua língua. Como dispositivo legal, que garante a veracidade dessa afirmação, há a Lei de Libras nº 10.436/02 (BRASIL, 2002) regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005). Esta declara a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial das comunidades surdas do Brasil.

Sobre o registro escrito da língua de sinais (ELS), Nobre (2011) afirma que essa representa para a Comunidade Surda mundial um avanço, na medida em que fornece possibilidades de produções literárias em sua primeira língua. Esse autor explicita ainda que a Escrita da Língua de Sinais tem sido difundida em diversos países do mundo, possibilitando o registro gráfico das diversas línguas de sinais existentes. Alves³ e Paixão⁴ apresentam as modalidades da Libras como artefato linguístico da comunidade surda. Segundo esse artigo, os artefatos culturais e linguísticos da surdez possuem diversidades dentro dos povos surdos. O sujeito surdo possui uma experiência no “mundo surdo” através da língua de sinais, na modalidade sinalizada e escrita, e da cultura surda.

defende que a língua é importante para o desenvolvimento do pensamento pois ele se forma a partir dela. Nessa perspectiva, a língua não tem apenas a função de possibilitar comunicação entre as pessoas, mas, de promover desenvolvimento e a aquisição dos bens culturais. Desse modo, a língua de sinais para o surdo é o instrumento central para todas as suas atividades humanas, pois, conforme Lodi, Rosa e Almeida (2012), ela tem centralidade como material semiótico responsável por permitir a constituição de seus usuários como surdos e sua participação em todas as esferas de atividade humana. Ela é um elemento primordial para as expressões de vida, conforme podemos observar na figura 1. (VYGOTSKY, 2008, apud PAIXÃO e ALVES, 2018)

Figura 1 - Libras primordial para cultura surda a partir de Strobel (2009).



Fonte: Libras em suas modalidades: artefato linguístico da comunidade surda, 2018, p. 50.

Focando essa questão no Brasil, percebemos que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi/é um agente importante na difusão da escrita de sinais. Isto porque, ao programar o primeiro curso de Licenciatura Letras Libras à distância, em

³ ALVES, Edneia de Oliveira: Professora do Departamento de Línguas de Sinais - DLS/CCHLA/UFPB e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB), Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Mestre em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Graduada em Licenciatura em Letras com Habilitação Dupla - Português e Inglês (UFPE).

⁴ PAIXÃO, E. A. L: Professor de LIBRAS – UFRN

2006, colocou a Escrita de Sinais no seu currículo como disciplina obrigatória. Algum tempo depois, cursos congêneres, presenciais e à distância das instituições de ensino superior (IES) também a inseriram em seu currículo. Atualmente, a maioria dos cursos de Letras-Libras utiliza o sistema SW, porém, a Universidade Federal de Goiás utiliza o sistema de Escrita das Línguas de Sinais - ELIS (BARROS, 2008).

Segundo Silva, Costa, Bósoli e Gumiero (2018), no Brasil, há quatro tipos de escrita de sinais: SW, ELiS, SEL e VisoGrafia. Os sistemas escritos de sinais: SignWriting (SW), conhecido no Brasil como “Escrita de sinais” trazido para o Brasil por Stumpf (2006); Escrita das Línguas de Sinais criado por Barros (2008); Sistema de Escrita de Sinais – SEL – criado por Lessa-de-oliveira (2012) e a Visografia criado por Benassi (2016). Esses quatro sistemas representam os aspectos gramaticais da Libras, porém, é importante salientar que ainda se faz necessário responder alguns questionamentos acerca da adequação representativa desses sistemas de escrita, pois, ainda que se apresente como uma possibilidade de registro da cultura surda na sua primeira língua, não é raro encontrar pessoas surdas demonstrando certo desconforto em seu uso e optando por outras formas de registro da língua de sinais. Para esta pesquisa foram escolhidos os sistemas SW e ELIS por já ter se tornado disciplina em cursos de Letras-Libras. A partir desse contexto, este trabalho tem o objetivo de apresentar o resultado da análise comparativa entre as formações de palavras no sistema SW e no ELiS.

Essa análise foi ancorada na teoria sobre semiótica de Pierce. Sua relevância justifica-se pela necessidade de compreender qual das duas possui representação gráfica mais clara dos sinais de Libras.

2. A semiótica e a representação escrita.

A semiótica segundo Nöth e Santaella (2017, p.7) “é a ciência dos sistemas e dos processos sógnicos na cultura e na natureza.”. Nesse sentido, ela contribui para esse trabalho, sob a ótica dos estudos pautados nas “formas, tipos, sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, indícios, sintomas ou símbolos.” Os autores, sob a ideia postulada por Jakobson explicam que a definição de signo está atrelada aos medievais que o colocam como sendo “algo que está por algo” e sua relação é triádica.

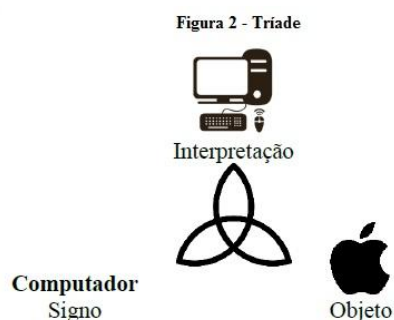
Segundo Nöth e Santaella (2017), a antiga palavra do grego seméion, significa “signo”. Desde o século XVIII, os termos semiologia e semiótica são utilizados. O termo semiologia teve influência na semiótica dos países de língua romana,

especialmente na França, o termo semiótica tem o uso mais comum. Ainda segundo os autores, há algum tempo, em 1972, a Associação Internacional de Estudos Semióticos havia escolhido o termo semiótica. Antes disso, grupos de estudos utilizavam a palavra terminológica, mas o significado da palavra não servia para definição. Após discussão, concordaram que o termo “semiótica” serviria para designar “a ciência dos signos” (Nöth e Santaella, 2017, p. 7 e 8).

O mundo possível, no sentido de representar ou referir, faz parte da comunicação verbal e não verbal. O seu principal objeto são os sentidos e significados. Os signos são características fundamentais da espécie e da cultura humana. Todas as pessoas vivas usam signos para se comunicar de modo visual ou auditivo, pois desde o nascimento, as pessoas já têm experiências no mundo visual, sendo a representação e a referência a base da comunicação e os signos existem graças a vida. Se as pessoas não tivessem vida, não haveria signos, então, a vida das pessoas está entre os signos.

As aves se comunicam pelos canais acústicos e visuais. Muitas espécies de aves têm uma capacidade de cantar superior à da espécie humana. Os cachorros usam igualmente o canal acústico para se comunicar, mas eles usam também o sentido olfativo (o sentido do cheiro) para se comunicar e interpretar mensagens. O sentido do cheiro de um cachorro é até 200 vezes superior ao dos homens. (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p.10, 2017).

Segundo North e Santaella (2017), Peirce, fundador da semiótica moderna, em 1897, explica que a semiótica é a ciência que estuda os signos e a linguagem. O conceito abrange quaisquer sistemas de signos: artes visuais, cinema, religião, entre outros. A tríade é formada por: Interpretante, Signo e Objeto, conforme figura 1, Interpretação (imagem mental), Signo (ativa o pensamento) e Objeto: (Real ou imaginário) no qual o signo faz alusão.

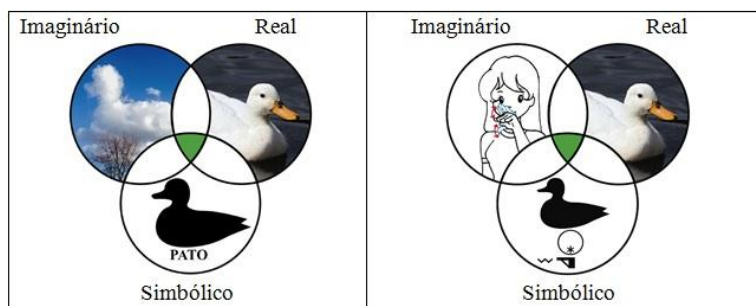


A Semiótica envolve várias áreas da linguagem: música, textos, artes, imagem e outros. A semiótica, a partir da experiência pessoal com as palavras, signos verbais da comunicação, não é um dom ou “milagre”. É, antes de tudo, a prática no mundo dos

sentidos e significados. Sendo assim, por essa tríade é possível perceber o contexto dado ao significado para o estudo de qualquer fenômeno, como o signo mostrado a figura 2.


A palavra é um signo verbal, meio de comunicação sensorial, através do qual, as pessoas podem compreender os significados pelas formas escritas e a leitura, ver figura 3.

Figura 3 – Tríade da comparação da palavra escrita “pato”.



Fonte do autor

Figura 4 - Signo

Signo			
Visual		Auditivo	
Não verbal	Verbal		Não verbal
Imagem	Escrito	Oral	Acústico
	<i>Pato</i>	[p'a.tʊ]	[kwak]

Fonte: Nöth e Santaella (2017, p. 10).

Tendo a escrita como uma representação gráfica da língua, nesse imaginário com a realização do sinal “pato”, a pessoa surda vê e entende por meio visual o sinal como ícone. Para os ouvintes que não sabem língua de sinais, a percepção é feita ao ver o sinal “pato” com semelhança no imaginário, por exemplo, o ouvinte que não sabe língua de sinais ao ver o sinal “casa” o percebem por que nas mãos há uma formasse um ícone da imagem do objeto casa. Na imagem temos o simbólico da palavra signo “pato” como escrita de sinais, não se tratando de uma imagem, mas sendo o próprio signo.

Em observância à representação escrita da Libras, realizamos uma análise semiótica das representações de palavras em SW e em ELiS. o estudo aqui feito apresenta essas relações dadas pelo signo nas escritas de sinais ELS e ELIS. Segundo Santaella (1999), as três categorias que devem ser estudadas pela perspectiva de Pierce são: qualidade, o objeto e mente o correspondente ao imaginário, real e simbólico. Nesse sentido, os pensamentos são esclarecidos dado o imaginário que parte do ego do sujeito, do eu e quaisquer objetos. Já o real parte da realidade psíquica que é impossível ser representada e o simbólico é mundo da linguagem, tendo as significações e as

representações pela condição lógica do interpretante.

3. A importância do uso da modalidade escrita: língua de sinais

Todas as línguas, sejam elas orais ou de sinais, apresentam diferentes modalidades, podendo se apresentar de forma oral ou escrita. Os registros escritos em Libras tem sido prejudicados por causa da pouca disseminação, valorização pelos seus usuários e o não reconhecimento oficial de sua existência. Capovilla (2001), ao falar sobre a importância do registro afirma:

[...]a história nasce com a escrita. Ao fornecer um registro secundário e perene do ato linguístico primário e transitório, a escrita permite a reflexão sobre o conteúdo da comunicação, sobre as coisas do mundo e o que delas sabemos. Enquanto registro perene promove também a segurança e consolida contrato social. (CAPOVILLA, 2001, p. 1491)

A importância da escrita de sinais na sociedade parte do modo que pode integrar o surdo na sociedade e que este tenha informações em quaisquer lugares e os materiais possuam a escrita de sinais, então se precisa incluir a escrita de sinais para que os surdos recebam informações, como por exemplo, no museu as informações precisam ser adaptadas para a escrita de sinais para assim os surdos poderem receber tais informações das histórias no registro de sua língua. Também nos livros de contos e histórias infantis ou não, bem como nas universidades todos precisam de adaptação para a escrita de sinais, assim a comunidade surda consegue informações e mais conhecimentos sobre os conteúdos.

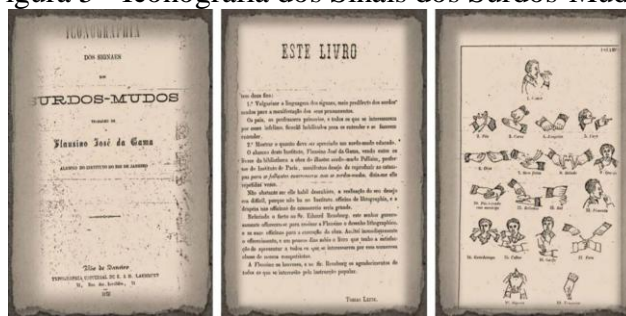
Enquanto surdo e, por conseguinte integrante da comunidade surda posso afirmar, em corroboração com os autores há pouco citados, que a comunidade surda tem preferência por uma escrita que seja adaptada a sua necessidade de apreensão de mundo por meio visual. Em relação a isso, os surdos têm o prazer de escrever em nossa primeira língua (STROBEL, 2008). Tal adaptação possibilita a aprendizagem e a expressão de forma gráfica na primeira língua para o surdo. Escrever e ler na escrita de sinais nos faz sentir propriedade e segurança, pois consegue registrar de forma natural as experiências, por meio daquela que é nossa língua natural, a língua de sinais. No Brasil, foram criadas dentro do mesmo país, dois sistemas de escritas de sinais as quais mais conhecemos hoje chamados ELS e ELIS, agora apresento como base a ELS (SignWriting) e em seguida apresento a ELIS.

Até os dias atuais a Libras tem sido registrada por meio de gravação em vídeo. Segundo Cardoso (2017), em 1875, Flausino José da Gama, desenhista surdo, criou o

primeiro dicionário de Libras contendo 399 sinais, veja figura 4. Esse foi o primeiro dicionário Iconográfico dos Sinais dos Surdos-Mudos⁵.

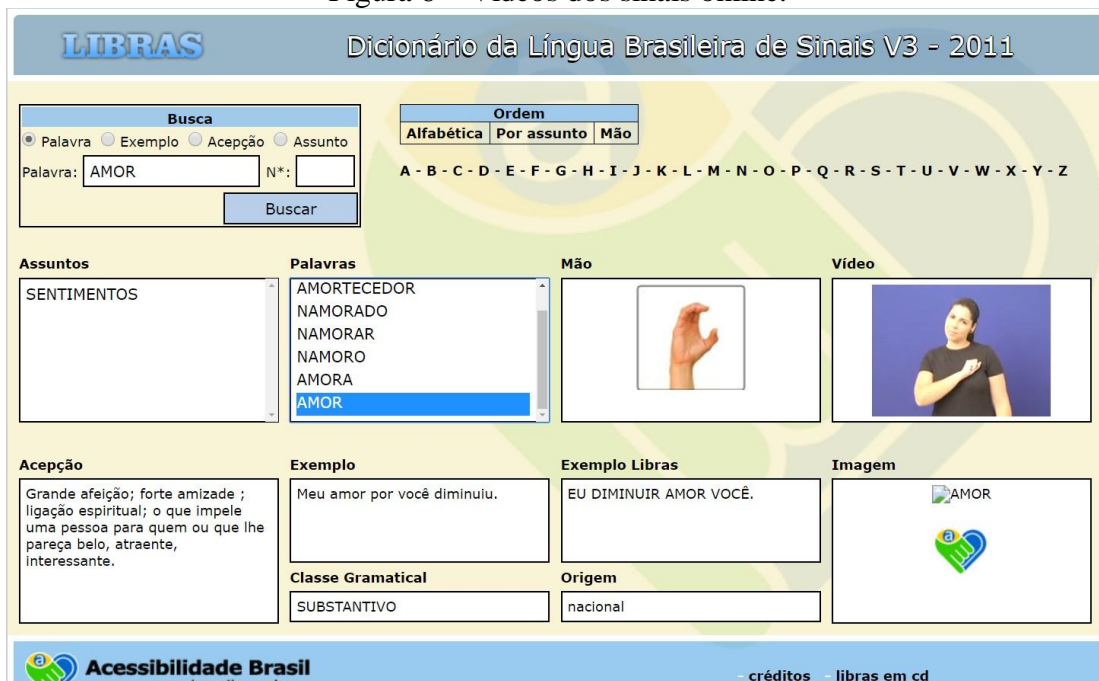
O grande desenvolvimento da tecnologia tem auxiliado no registro dos vídeos dos sinais na internet, nas redes sociais, bem como no dicionário da Língua Brasileira de Sinais Versão 3 (2011). Também há os dicionários online (ver figura 5) em Libras em categorias diversas, pois a rapidez e o alcance da tecnologia possibilitam que os vídeos com grandes variedades de sinais sejam compartilhados nas redes sociais propagando ainda mais o conhecimento na língua.

Figura 5 - Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos



Fonte: Cardoso (2017, p. 52).

Figura 6 – Vídeos dos sinais online.



Fonte: Lira e Souza (2011).

Outro material importante apontado por Cardoso (2017) e foi publicado em 2001 é o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira*, dos

⁵ Nomenclatura dada anteriormente à comunidade surda

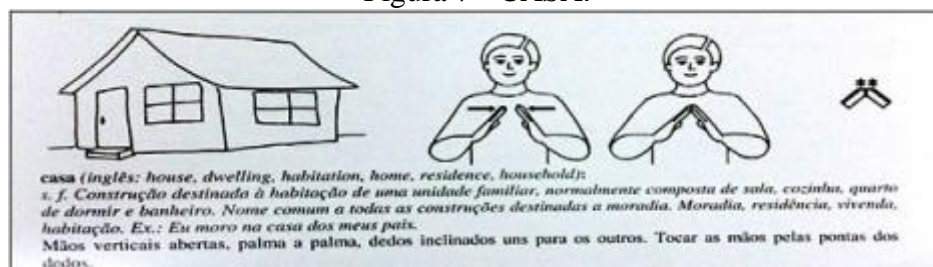
autores Capovilla e Raphael. Ainda segundo Cardoso (2017, p.54), “eles o organizaram em dois grandes volumes, o primeiro contendo sinais de A a L, e o segundo, de M a Z”. É um dicionário trilingue no qual os termos são apresentados em português, inglês e em Libras (ver figura 6). Cada sinal da Libras tem uma descrição textual em português escrito, sua apresentação por meio de imagem, desenho de sinal e em escrita de sinais (SignWriting), como mostra a figura 6. No caso da descrição do sinal, são descritos seus parâmetros retratando a configuração das mãos (CM), o ponto de articulação (PA), a localização (LO), o movimento (MO) e as expressões não manuais (ENM).

3.1 Escrita das Línguas de Sinais – ELS sistema SW

Segundo Stumpf (2005), a escrita da língua de sinais surgiu na década de 1970 e foi denominada de *SignWriting*. Trata-se de um sistema de escrita visual criado há cerca de 45 anos, em 1974 por Valerie Sutton nos EUA e sua origem está relacionada a um sistema de notação dos movimentos de dança, criado por Sutton. De forma bastante elucidativa Stumpf explicita que

o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. (2005, p. 51)

Figura 7 - CASA.



Fonte: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue, 2001, p. 371.

Stumpf (2005) acrescenta que qualquer língua de sinais, sem que passe pela tradução da língua oral, pode ser registrada pelo *SignWriting*, assim como ocorre com o nosso alfabeto. Para utilizar o *SignWriting*, assim como ocorre com qualquer língua oral, é preciso conhecer uma língua de sinais. Apesar desse sistema se propor ao registro das línguas de sinais, Stumpf (2005, p.52) informa que tal sistema é considerado “um sistema de escritura mista, majoritariamente fonográfico, do ponto de vista interno, mas possuindo uma leitura “ideográfica” de um ponto de vista externo”. Há nesse sistema aproximadamente 900 símbolos. Essa quantidade de símbolos revela a complexidade e a riqueza das línguas de sinais. Boutora (2003) é categórico em afirmar que tal sistema é

capaz de realizar qualquer enunciado.

É uma forma gráfica que está apta a assegurar as funções da escrita, da possibilidade de distanciamento da língua, passando pelo armazenamento e transmissão de informação. Sua evolução acontecerá pelos objetivos de adaptação às novas práticas e situações. “Veremos com o tempo se o sistema se adapta às novas línguas ou se são as línguas que se adaptarão à escrita”. (p. 95).

Na no sistema SW, também há as estruturas dos cinco parâmetros da Libras: configuração da mão, orientação da palma, o ponto articulatório, o movimento e as expressões não manuais (corporais e faciais), com esses parâmetros é possível registrar sinais na escrita da língua de sinais. Veja abaixo um registro do sinal de AMOR na escrita da língua de sinais:

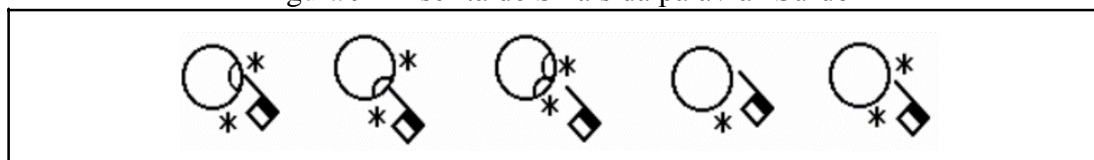


Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 190).

São os mesmos parâmetros da Libras em um registro da escrita de sinais como de acordo com a gramática da Libras em sua estrutura. A escrita de sinais também apresenta os detalhes da estrutura sequencial da escrita de sinais. Para tal escrita há regras a serem seguidas. Stumpf explica que:

Na Dinamarca, já há alguns anos, eles decidiram só escrever contato quando absolutamente necessário. E, como o sinal de surdo, é muitas vezes executado sem um real contato com a face e desde que a posição da mão torna claro que o sinal começa em cima e termina tocando mais embaixo, eles escrevem apenas um contato. O sistema é flexível. (2005, p. 57)

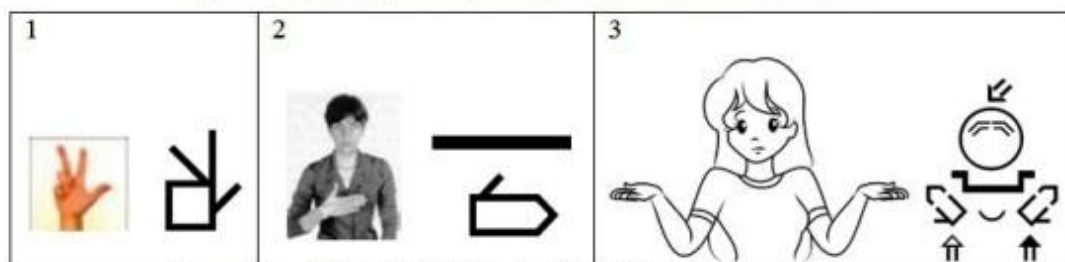
Figura 9 – Escrita de Sinais da palavra “Surdo”



Fonte: Stumpf (2005, p. 57).

Alves (2018) demonstra a iconicidade da Libras (ver figura 10).

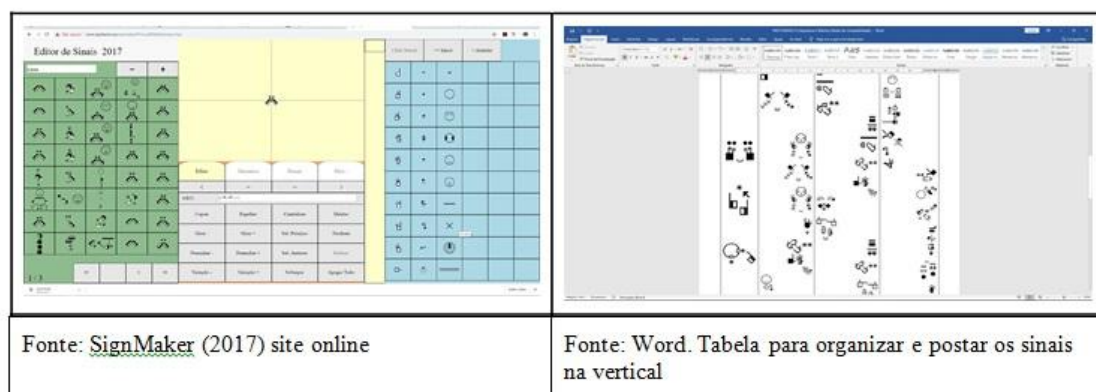
Figura 10 - Exemplo de parâmetros sinalizados e escritos



Fonte: 1 Lira e Felipe (2005), 2 Ferreira-Brito (1995) e 3 Fonte do autor.

No site SignMaker⁶, é possível escrever textos em Escrita de sinais. É necessário estar online para construir os sinais, pois não há digitação dos sinais em editores de texto convencionais (Word, por exemplo), pois a estrutura da escrita de sinais é muito diferente. Os textos são registrados e lidos na vertical, por exemplo (ver figura 11)

Figura 11 – Interface signmaker e word.



Fonte: SignMaker (2017) site online

Fonte: Word. Tabela para organizar e postar os sinais na vertical

SignMaker é um editor de sinais adaptável para qualquer país. Por exemplo, um brasileiro pode entrar no site e selecionar o idioma próprio do Brasil, um americano pode entrar no mesmo site e trocar o idioma. Assim, é possível construir as línguas de sinais de vários países, podendo usar o programa em smartphones, tablets e no computador. Veja a seguir:

O SIGNMAKER 2017 é um pequeno e poderoso programa para smartphones, tablets e computadores. Acesse dicionários de linguagem de sinais de mais de 40 países pré-escritos em SignWriting ou escreva seu próprio dicionário de linguagem de sinais de forma privada no seu dispositivo. Baixe o programa ou trabalhe na web. Copie e cole sinais em e-mail ou documentos.

É uma aplicação web independente que possui fontes TrueType SignWriting e um dicionário SignWriting integrado. Os dicionários podem ser pesquisados por idioma falado ou língua de sinais. Escreva seus próprios sinais e ordene-os para procurar no dicionário. O SignMaker é coordenado com o SignPuddle Online. (site Signwriting)

⁶ Disponível em: <<http://www.signwriting.org/brazil/>> Acesso em: 23, mai. 2019

Outro programa é o sistema SignPuddle. Ele possui diversas ferramentas on-line para escrita de sinais mais suporte multilíngue com código único e armazenamento de textos com várias versões, os sinais são divididos em “coleções” de cada país. Quem faz a criação de um sinal, pode deixar o registro dos autores⁷. Pode ser utilizado por grupos de pesquisa que desejam criar os sinais, podem ser elaborados dicionários, Literatura, Enciclopédia, Lição, Puddle Manual e Puddle Video (ver figura 12).

Os Elementos da escrita de sinais no sistema SW é escrito na vertical, de cima para baixo, em uma só coluna, o Dr. Boutora descreve a apresentação gráfica de um signo pelo sistema SignWriting:

“Retângulos virtuais compreendem um conjunto de símbolos, alinhados verticalmente. Um conjunto de símbolos representam um signo, quer dizer uma unidade lexical eventualmente associada a um complemento de informação gramatical, os signos são separados por um espaço. No interior de um “signo etiqueta” ou “pilha”, os símbolos são colocados verticalmente segundo a lógica do corpo humano. Assim o círculo que configura a cabeça suporta os símbolos que representam os elementos manuais. Os elementos não manuais (essencialmente os movimentos da face e o olhar) são inscritos dentro do círculo cabeça.” (BOUTORA, 2003, p. 80)⁸

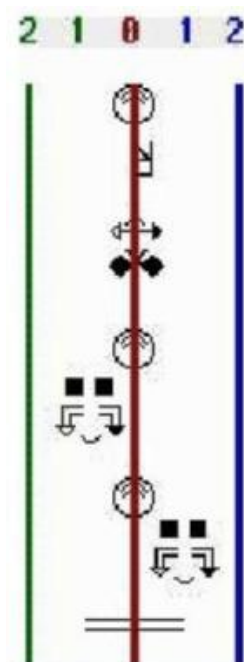


A cabeça, mãos, locações e movimentos são expressos no momento de sinalizar a língua de sinais. O registro na escrita de sinais é feito conforme se observa na figura 13. A cabeça e o corpo estão ao centro, mas as mãos se movem à esquerda e à direita.

⁷ Iatskiu e Canteri, 2015. Disponível em: <http://www.inf.ufpr.br/alex/d/metodologia/slides/ap2_Rafael_Carlos.pdf>. Acesso: 25, ago. 2019.

⁸ Traduzido por: Mariana R. Stumpf.

Figura 13 – Coluna: Cabeça e o corpo estão ao centro.



Fonte: STUMPF. 2005, p. 55.

Colocação à esquerda e direita no centro. A cabeça e o corpo estão ao centro, mas as mãos se movem à esquerda e à direita.

3.2 Escrita das Línguas de Sinais – ELIS

A Escrita das Línguas de Sinais (ELIS - Barros, 2008)⁹, é apresentada como a Escrita da Língua de Sinais - Elis. Barros criou o termo “Visografemas” para denominar a grafia dos fonemas: Configuração de Dedos (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (Mov) e cada um desses parâmetros é composto por vários visemas. Criou termo Visologia para se referir ao estudo da visografia, o que é correspondente à fonologia da Língua oral – LO. Veja no quadro 1 a terminologia da área correspondente à da LO.

Quadro 1 – quadro campo dos termos de LS e de LO.

Campos das LS	Campo das LO
Visema	Fonema
Viso	Fone
Visologia	Fonologia
Visética	Fonética
Visêmico	Fonêmico
Visético	Fonético
Aloviso	Alofone
Visografema	Alfabeto



Fonte: Barros (2008, p. 143).

⁹ Dr. Barros, 2008. Tese pública. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>>. Acesso em: 23, mai. 2019.

No que se refere à estrutura da língua de sinais a ELIS deixa de registrar a expressão facial. No entanto, esse é um quirema característico da língua de sinais e um dos elementos diferenciadores da língua oral. A expressão facial e corporal é um elemento gramatical que por vezes assume a função de morfema intensificador e marcador de tipos frasais, por exemplo, e é um recurso discursivo por ser responsável pelo tom do discurso. O registro em da língua de sinais em ELIS faz a LS perder esse elemento.

Então na ELIS para escrever o sinal da Libras no programa do sistema Word necessita instalar uma fonte ELIS, após a instalação é possível fazer digitação no teclado para criar e construir os sinais mais rápido, fácil e leve. Veja, como exemplo a escrita do sinal AMOR em ELIS na figura 14.

Figura 14 – Sinal “AMOR”

Desenho do sinal	Sinal escrito
	

Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 26)

Os elementos da escrita da língua de sinais – ELIS são escritos em ordem visográfica e assume uma perspectiva da linearidade¹⁰ como ocorre nas línguas orais. Entretanto, a língua de sinais possui um caracter de simultaneidade. A ELIS segue o modelo usado nas línguas Orais que é a organização sequencial das relações entre as palavras. Segundo Welker (2004, p. 82), “o arranjo alfabético pode se dar de diversas maneiras”. Por isso, a proposta na tese de Barros (2008), é a criação do termo Visogrames (significa a palavra “Alfabeto”) podendo ser usado o sistema na ordem alfabética linear nas línguas de sinais.

A ELIS é o sistema de escrita para as línguas de sinais que apresenta “[...] a primeira possibilidade no mundo de elaboração de dicionários semasiológicos com entradas em línguas de sinais organizadas de maneira estritamente alfabética linear”. Isso porque esse sistema de escrita representa sistematicamente os principais fonemas das línguas de sinais e os organiza linearmente (BARROS, 2015, p.93).

Veja o exemplo dessa escrita no quadrinho “Turma da Mônica”, tirinha do

¹⁰ Ordem Visográfica – colocando os dicionários de línguas de sinais em ordem

português, traduzida para Libras na escrita do sistema ELIS (figura 15) a seguir:

Figura 15 – Tradução da primeira tirinha para ELIS



Fonte: Turma da Mônica (UOL), Tirinha 26.¹¹




Portanto, essa é uma escrita que se molda aos princípios da estruturação da língua oral e deixa de registrar dois elementos importantes e genuinamente da língua de sinais: a expressão facial e corporal e a simultaneidade. Esse é um fator preocupante e motivador para a realização desse trabalho.

4. Metodologia

Para o desenvolvimento da análise foram selecionados os sinais CASA, CACHORRO e MAÇÃ, retirados do dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2012), ver figura 16. Veja a seguir, o detalhe do uso das mãos:

¹¹ SPICACCI, A. A. C. Traduzindo o dialeto do personagem chico bento do português para libras por meio da ELiS, 2018, p. 50.

Figura 16 – Sinais CASA, CACHORRO e MAÇÃ.

	<p>CASA “Mãos verticais abertas, palma a palma, dedos inclinados uns para os outros. Tocar as mãos pelas pontas dos dedos.”</p>
	<p>CACHORRO “Mão direita vertical aberta, palma para dentro, dedos separados e curvados, diante da boca. Movê-la ligeiramente para frente e para trás.”</p>
	<p>MAÇÃ “Mão direita em C <u>horizontal</u>, palma para dentro, diante de boca. Girar a mão pelo pulso para cima.”</p>

Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 672, 597 e 1610)

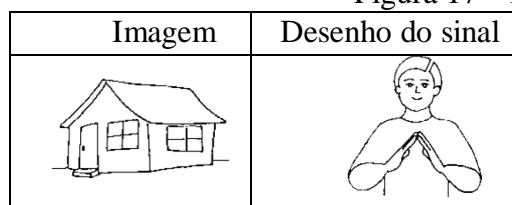
Esses sinais foram escolhidos por serem sinais presentes no cotidiano e pertencer ao grupo de sinais mais comuns na comunidade surda, portanto, de fácil identificação para o leitor leigo na língua de sinais. Além desses aspectos, eles possuem apenas os parâmetros mais simples e poderem ser registrados nas duas modalidades de escrita. Sinais com morfema composto por expressão facial não foram incluídos porque a ELIS não registra esse tipo de parâmetro.

A análise será comparativa no registro escrito nos sistemas ELIS e SW. Será observada a forma de escrita e a representação da visualidade da língua já que a Libras é genuinamente visual. Partimos do pressuposto de que a escrita em SW representa a visualidade da língua enquanto a ELIS não o faz.

5. Semiótica da ELS E ELIS: Representação da visualidade da LIBRAS

A intersemiótica, no contexto em que pretendo desenvolver a pesquisa aqui proposta, diz respeito à troca entre os signos e significados da cultura ouvinte para os da cultura surda. Os registros dos sinais desenhados são semelhantes ao sistema da escrita de sinais, apresento uma tabela em comparação com um mesmo sinal, como esse mesmo sinal é registrado nos sistemas SW e ELIS numa visão semiótica. A escrita de sinais tem como referência a sinalização do sinal. Iniciemos pelo sinal CASA, observe o desenho do sinal na figura 17.

Figura 17 – Desenho do sinal casa.





Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 672).

A partir do sinal casa, temos a possibilidade de escrever no sistema SW e em ELIS (ver figura 18). Na escrita no sistema SW, há a representação gráfica da configuração de mão e sua respectiva orientação de modo como é escrito no formato que a mão assume na realização do sinal. Observe que a configuração de mão escrita dessa forma representa a mão aberta com os cinco dedos estendidos. Ter uma metade da configuração de mão hachurada, representando que a mão é vista de lado pelo sinalizador/escritor. Observa-se que a configuração de mão (CM) é escrita na diagonal e posta uma ao lado da outra, da mesma forma que observamos no desenho do sinal. Além da CM, observamos a inserção de dois asteriscos indicando dois toques das mãos entre si, como é realizado o movimento do sinal.

No sistema de escrita ELIS, há a representação visográfica da configuração de dedos e sua respectiva orientação, escrito no formato que a mão assume na realização do sinal. Observe a grafia dos fonemas: Configuração de Dedos (CD), para sinais bimanuais simétricos “//” e os quatro dedos juntos estendidos “-†”, para a Orientação da Palma (OP) é medial no plano sagital “□”, para indicar o toque da ponta dos dedos, dois diacríticos de contato “□” e “—”, que devem ser escritos juntos “□”, e para indicar a locação centralizada no plano sagital “+”, a combinação destes demonstra como é realizado o sinal.

Figura 18 – Escrita do sinal casa

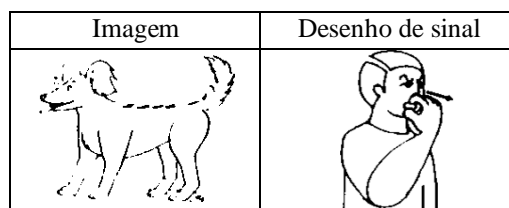
Sistema de escrita	Desenho de sinal	Sinal escrito	Fonemas	
ELS				Lateral da mão diagonal a esquerda
				Lateral da mão diagonal a direita

			**	Contato de tocar
ELIS			//	Bimanuais simétricos
			-†	Dedos estendidos juntos
			□	Orientação da Palma para a medial
			□	Ponta dos dedos
			—	Diacríticos de contato
			+	locação centralizada no plano sagital

Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 672).

O segundo sinal cuja escrita é analisada é o de CACHORRO (Figura 19)

Figura 19 – Desenho do sinal cachorro.








Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 597).

No sistema SW, o sinal de CACHORRO tem como CM a mão direita aberta, com dedos separados e em forma de garra, a OP voltada para o corpo indicada pelo não preenchimento da CM, o Ponto de Articulação (PA) é a boca e é representada por um traço dentro de um círculo que representa a cabeça, e o Movimento (M) indicado pelo símbolo de contato “ * “.

Em ELiS, inicia-se pelas CD do polegar e demais dedos curvos, depois a OP, o PA, diacrítico de contato, a direção do movimento e um diacrítico de repetição do movimento (Figura 20).

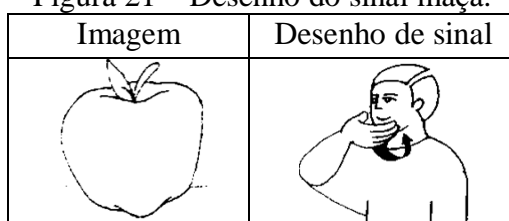
Figura 20 – Escritas do sinal cachorro.

Sistema de escrita	Desenho de sinal	Sinal escrito	Fonemas	
ELS		** 		Diante da boca
				Mão direita vertical aberta em garra, dedos separados e curvados, palma para dentro
			**	Movimento indicado por dois toques
EliS		< 7 7 7 = T :	<	Polegar: curvo (C)
			7	Demais dedos: curvo
			7	Palma para trás
			=	Boca
			—	Diacríticos de contato
			T	Movimento: para trás
			:	Repetição do movimento

Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 597).

O terceiro sinal a ter a escrita analisada é o de MAÇÃ (Figura 21).

Figura 21 – Desenho do sinal maçã.



Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 1610).

No sistema SW, a CM é a de segurar um copo, com os dedos juntos, o PA é o

espaço próximo à frente da boca, representada por um traço dentro de um círculo que representa a cabeça e o M indicado por um traço horizontal cruzado por duas setas curvas.

Em ELiS, a CD inicia pelos símbolos de polegar curvo e demais dedos curvos, seguido de um diacrítico de OP medial e um símbolo de OP para trás, depois o PA de queixo, o M de girar o antebraço e um diacrítico de repetição do M (Figura 22).

Figura 22 – Escrita do sinal maçã.

Sistema de escrita	Desenho de sinal	Sinal escrito	Fonemas	
ELS				Diante da boca
				Mão direita em C horizontal
				Girar a mão pelo pulso para cima
ELIS				Polegar: curvo
				Demais dedos: curvos
				Diacríticos de palma para a medial
				Palma para trás
				queixo
				girar o antebraço
				Diacrítico de repetição do movimento

Fonte: Capovilla e Raphael (2012, p. 1610).

Os elementos foram analisados com base em Santaella (2017) que, por sua vez, considerou a proposta teórica peirciana e apontam, na classificação dos signos, o ícone como elemento da primeiridade que está ligado à qualidade. Nesse entendimento, o sinal transcrito na ELS é um ícone, pois trata-se de uma representação visual semelhante na sinalização em Libras. Enquanto que na ELIS, a transcrição não se dá pela forma visual do sinal, mas apenas pelos códigos da própria escrita, estabelecendo uma relação mais arbitrária entre a sinalização e sua representação escrita.

Percebe-se que os sinais da Libras: CASA, CACHORRO e MAÇÃ podem ser escritos e lidos na ELS e na ELiS, a diferença é dada na forma como elas são transcritas nessas escritas de sinais, como mostramos na tabela acima. Entende-se que na ELS, por ser um registro escrito em uma visão semiótica, a leitura que as pessoas fazem é rapidamente entendida, pela percepção da semelhança formal do sinal, pois a maioria é visualmente semelhante aos sinais lexicais.

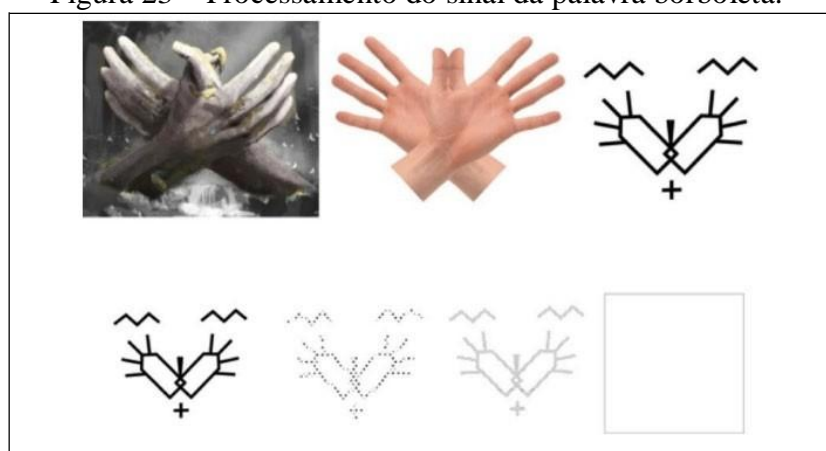
Já na ELIS, sua visão semiótica é muito diferente em um sinal representado por visografemas e seu registro escrito é de difícil percepção, pois se constitui de sequência de grafemas da sua estrutura. Esta não remete à tridimensionalidade da língua dos surdos que é visual-espacial, sinalizada nos espaços e possui contexto de sinalização.

Na língua oral, o registro de uma palavra é feito através dos fonemas que, quando pronunciados, escutam-se os sons do falante para escrever. Como na língua visual são iguais os registros da escrita de sinais, um surdo sinaliza em Libras e vê os

parâmetros e depois registra o sinal, pois a Libras é uma língua natural e possui Literatura e poesia e dentro dela há muitos classificadores de sinais entre os povos surdos (STROBEL, 2009). Por isso, quando lê os textos da ELIS numa visão semiótica leitor tem dificuldade de entender, pois há uma grande diferença no sinal realizado no espaço com o registro da ELIS. Portanto, o melhor entendimento semiótico do registro da escrita de sinais do sinal utilizado no espaço é na ELS, pois o sinal utilizado se assemelha na escrita.

Machado (2017) explica que a característica do sinal feito no quadrinho é semelhante ao registro da escrita de sinais, vejamos as figuras 23 e 24.

Figura 23 – Processamento do sinal da palavra borboleta.



Fonte: Guimarães, Machado, Jesus e Fernandes 2017, p. 9077.

Figura 24 – Imagem do sinal borboleta captada pela visão do robô



Fonte: Guimarães, Machado, Jesus e Fernandes, 2017, p. 9076.

Nos sinais CASA, CACHORRO e MAÇÃ, percebemos que, no “mundo dos surdos,” as palavras têm uma visualidade muito presente na Libras (ALVES; PAIXÃO, 2018). O povo surdo cresce com experiência visual e aprende a língua de sinais desenvolvendo fluência na Libras, bem como em sua escrita. Um exemplo desse caráter visual da língua são os sinais de CASA, CACHORRO e MAÇÃ como a escrita de sinais registra o signo e as diferenças entre os sistemas ELS e ELIS.

6. Considerações finais

É importante respeitar as criações das escritas de sinais pelos seus caminhos da ELS e ELIS, dentro dos dois sistemas possui estruturas do processo dos léxicos com significados iguais, nas duas escritas só há diferentes visões semióticas de registro. É necessário ter mais conhecimento pelos sistemas da ELS e ELIS. Penso que o objetivo mais importante é mostrar à sociedade suas variações linguísticas. Na sociedade, precisa-se pensar a ter mais clareza para entender os textos da escrita de sinais, bem como da importância que ela tem para os povos surdos desenvolverem a aprendizagem de sua leitura na sua língua.

A ELS é um modelo mais fácil para o registro da Libras quanto à sinalização dos sinais. Alguns surdos não sabem a ELS, embora elas consigam ler com mais rapidez e entendem o texto, por que, no início do processo da aquisição da aprendizagem, o seu *status* de primeira língua vai crescendo e desenvolvendo-se a fluência da língua de sinais e assim, já fluente, possivelmente consegue perceber os contextos do espaço visual. Com a ELS, é possível realizar todos registros como literaturas, histórias em quadrinhos, livros infantis, notícias, artigos, dissertações, teses, e-books, mídias e outros.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. O.; PAIXÃO, E. A. L. Artefatos culturais do povo surdo: Discussões e reflexões. p. 47, 2018.

BARROS, M. E. ELiS – escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>>. Acesso em: 23, mai. 2019.

BENASSI, C. A. Configuração manual e alfabeto manual de machado e benassi, 2014, p. 26.

Revista Diálogos: linguagens em movimento. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>>. Acesso em: 23, mai. 2019.

BOUTORA, Leita. Étude des systèmes d'écriture des kangués vocales et des langues signées. Paris: Memoire de D.E.A. des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.

BRASIL. Decreto-lei n.5.626 de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a regulamentação de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 20, mar. 2011.

CAPOVILLA, F. C. & RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: Editora da USP, V. 1 e 2, 2 edição. 2012.

CARDOSO, V. R. Os dicionários da língua brasileira de sinais e suas contribuições. 2017.

_____. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe Língua Brasileira de Sinais. Vol. I A a L e Vol.II M a Z, USP, 2004.

FERNANDES, L. A.; BARROS, M. E. Ordem Visográfica – colocando os dicionários de línguas de sinais em ordem (2018).

FERNANDES, Seuli. É possível ser Surdo em português? Língua de sinais e escrita: uma busca de uma aproximação. In: SKLIAR, Carlos (org). Atualidade da Educação Bilíngüe para surdos. v.2 Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

FERREIRA BRITO, L. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GESSER, Audrei. LIBRAS? que língua é essa?, no capítulo 1 e p. 13. Porto Alegre, 2009. GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Caley, MACHADO, Milton Cesar Oliveira, JESUS, Jefferson Diego; FERNANDES, Sueli. Narrativas visuais: história em quadrinhos como estratégia de aquisição de Signwriting – Sistema de Escrita de Língua de Sinais. XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO. VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFSSIONALIZAÇÃO DOCENTE, 28 - 31 de Agosto de 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24841_12328.pdf Acesso em: 23, mai. 2019.

HARRISONK. CAMPOS, S. (Org) et al. Leitura e escrita: No contexto da Diversidade. Porto Alegre; Mediação, 2004.

IATSKIU, Carlos Eduardo.; CANTERI, Rafael dos Passos. Geração Automática da Escrita dos Sinais da Libras em SignWriting, 2015. Disponível em: <http://www.inf.ufpr.br/alex/d/metodologia/slides/ap_2_Rafael_Carlos.pdf>. Acesso: 25, ago. 2019.

_____. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 20, mar. 2011.

NOBRE, Rundesth S. Processo de grafia da língua de sinais: Uma análise fonomorfológica da escrita em signwriting / Rundesth Saboia Nobre; Orientadora Marianne Rossi Stumpf. Florianópolis-SC, 2011.

PRATT, Mary Louise. “A crítica na zona de contato: Nação e comunidade fora de foco”,

Travessia: Revista de literatura, Florianópolis, n.38, p.7-29, jan/jun, 1999.

QUADROS, Ronice Muller de et al. **Língua Brasileira de Sinais V**. Apostila do Curso de Educação à Distância de Bacharelado em Letras/Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

RASTIER, François, CNRS-INALCO, Paris. **Greimas e a linguística** p. 112-129, 2017.

SILVA, Alan David Sousa, COSTA, Edivaldo da Silva, BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa; GUMIERO, Daniela Gomes. Os sistemas de escrita de sinais do Brasil.

CENTRO VIRTUAL DE CULTURA SURDA REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA Edição Nº 23 / maio de 2018. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/revista> Acesso em: 25, ago. 2019.

SignPuddle Online. (site Signwriting) Disponível em: <http://www.signwriting.org/downloads/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

_____. **Surdos**: Vestígios culturais não registrados na história. Dissertação de Mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES / UFSC, 2006.

SPICACCI, A. A. C. Traduzindo o dialeto do personagem chico bento do português para libras por meio da ELiS, p. 50, 2018. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 40-56, jan. / jun., 2018.

STUMPF, M. R. **A Estrutura do Sistema SignWriting**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/escritaDeSinaisII/assets/256/TEXTTO_BASE_ELSIII.pdf. Acesso em: 20, out. 2015.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. **Leitura de textos gráfico-visuais apoiada na análise linguística**. IP/PUC-SP. Disponível em: http://www.ippucsp.org.br/downloads/anais_15_congresso/claudia-de-souza-teixeira.pdf. Acesso em: 20, out. 2015.

WANDERLEY, Débora C. **Aspectos da leitura e escrita de sinais**: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes. Florianópolis, SC, 2012.

NÖTH, Winfried.; S'ANTAELLA, Lucia. **Introdução à Semiótica**. São Paulo, 2017.